

MÚSICA  
13 ABRIL 2016

# Kassé Mady Diabaté

## Kiriké

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



**Qua 13 de abril**  
**21h30 · Grande Auditório**  
**Duração: 1h20 · M6**

**Voz** Kassé Mady Diabaté **Corá** Ballaké Sissoko **Balafon** Lansiné Kouyaté  
**N'goni** Badjé Tounkara

O império mandinga, fundado pelo imperador Sundiata Keita no século XIII da nossa era, estendia-se pela África Ocidental, a sul do deserto do Saará, de Casamansa (hoje território do Senegal, passou de colónia portuguesa a francesa no início do século XX), ao Burquina Faso. Para federar tantas nações, Sundiata usou uma arma inédita: a música. A música era tudo: recetáculo da história e da tradição, mensageira dos sábios, porta-voz dos reis, insuflava na alma mandinga o sentido do equilíbrio e o amor da paz necessários à manutenção de um império tão vasto.

Esta temível ferramenta política fazia dos músicos, os *jelis* ou *griots*, uma casta poderosa que sobreviveu a sete séculos

de turbulências e floresce ainda hoje no conjunto das músicas africanas. Usando temas tão antigos como o Império, com as tradições aprendidas desde a infância, os *griots* modernos encontraram-se com o mundo europeu ocidental e lançaram as suas fusões no mercado internacional das músicas tradicionais.

Kassé Mady Diabaté pertence à mais reputada família de *griots* do país mandinga. A sua tia era a lendária *griotte* (palavra aqui usada como feminino de *griot*, com grafia francesa) Siramori Diabaté. O seu avô era chamado de *Jeli Fama*, que quer dizer *o Grande Griot*, por causa da impressionante qualidade da sua voz. Quando Kassé fez 7 anos (idade significativa para o seu povo), os velhos da família reconheceram que herdara a voz do avô Siramori, como se o avô nele tivesse reincarnado. Em consequência, treinaram-no e estimularam-no antes de o lançarem na Bial de Bamaco (capital do Mali) onde arrebatou todos os prémios.

A partir dos anos de 1960, a seguir à independência do país, Kassé passou a ser procurado por todas as formações de vanguarda que surgiram no Mali. Da orquestra regional Super Mandé de Kangaba à Las Maravillas de Mali, que mudou para Badema National du Mali, passando pela Orchestre Instrumental du Mali, tem participado nas experiências mais inovadoras desde há 50 anos. Todas as suas gravações são marcos na história moderna da música popular do seu país.

O seu profundo conhecimento das tradições musicais mais antigas é por todos apreciado e louvado. Salif Keita,

o célebre músico e cantor albino, apresentou-o como “o maior cantor do Mali”. No estrangeiro, porém, este músico modesto tem uma presença muito discreta.

O concerto que vamos ouvir esta noite tem por base o CD com o título *Kiriké*, sem a participação do violoncelista francês Vincent Segal, apenas com músicos mandingas.

A ideia desse álbum nasceu da amizade entre Ballaké Sissoko, o tocador de corá, e Segal.

Desde há uns anos que se formou, em Bamaco, uma corrente musical intimista, mais próxima do que outras do som acústico tradicional. Alguns dos membros dessa corrente são veteranos que tiveram papéis de primeiro plano em todas as experiências inovadoras desde a independência. Outros são jovens ambiciosos que têm, ao mesmo tempo, o virtuosismo dos seus antepassados *griots* e a liberdade do jazz. Não precisam de arranjos nem de um som forte. Assistir a sessões de música com estes artistas é uma experiência exaltante. Vincent ouviu e encantou-se. Ficou amigo de Ballaké. Resultado: dois belos álbuns para a editora NØ Format!, *Chamber Music* (2009) e *At Peace* (2012), muito bem recebidos pela crítica e pelo público, como se costuma dizer.

*Kiriké* nasceu desta experiência. Admiradores, há muito tempo, de Kassé Mady, Ballaké e Vicent sonhavam rodeá-lo de um grupo de músicos de primeiro plano e oferecer-lhe um álbum à altura da sua voz.

Em torno de Kassé reuniram três solistas, amigos de infância, três antigos

membros do Ensemble Instrumental du Mali, um efervescente laboratório da música moderna.

Ballaké Sissoko – filho de Djelimady Sissoko, que gravou um marco da música moderna do corá, o álbum *Ancient Strings* – toca corá, uma espécie de harpa-alaúde que já foi ouvida algumas vezes no palco da Culturgest, a última magistralmente tocada por Toumani Diabaté e o seu filho Sidiki, em fevereiro do ano passado. Lansiné Kouyaté é um virtuoso do balafon, parecido com o xilofone, mas de madeira. Makan “Baddjé” Tounkara, também ele filho de músico, domina o n’goni, outro instrumento de cordas, mais pequeno, com a caixa-de-ressonância construída a partir de meia cabaça forrada de pele de animal, que se tange como um banjo ou uma guitarra. Reúnem-se neste grupo os três elementos principais da música mandinga: o corá de Casamansa, no sul, o balafon da zona central e o n’goni vindo do deserto do norte.

Todos estes artistas, incluindo a voz solista, improvisam, reinventam a música e os sons tradicionais. Kassé assume o papel de um velho camponês, canta numa língua muito mais saborosa e popular da que é usada nas declamações clássicas, a língua bambara, dominante no sul do Mali. Cinquenta anos de carreira não lhe estragaram os agudos e permitem-lhe alcançar notas graves e doces. Continua a ser “o homem da voz de veludo”, adaptando o seu instrumento à intimidade que esta música pede.

As letras das canções, numa língua que não conhecemos, tratam de temas

antiquíssimos como o de viver em paz com os vizinhos, a traição, a caça, o heroísmo, expressos através de símbolos *griots* como o hipopótamo, o pescador ou a sela do cavalo (significado de *Kiriké*).

Quem não conheça a música tradicional do Mali poderá ter dificuldade em perceber onde está o novo som que este grupo produz. Mas se ouvir com atenção cada instrumento e o efeito no seu conjunto, nota que a improvisação, as variações, estão lá e não nos são totalmente estranhas, exatamente porque têm influências de músicas que conhecemos melhor, como o jazz, que, como se sabe, tem origem nos escravos negros dos EUA e seus descendentes.

### Kassé Mady Diabaté voz

---

Kassé Mady nasceu em 1949, numa aldeia rural, Kéla, descendente dos Diabatés de Kéla, a mais distinta família *griot* do antigo Império Mandinga. O seu nome, como o dos grandes Toumani Diabaté e Bassékou Kouyaté, pertence à realeza musical do Mali. Os *griots*, que tanta importância e poder tiveram na consolidação do Império, é uma casta que sobreviveu a séculos de perturbações e mudanças, permanecendo florescente. Recorrendo a temas tão antigos como o próprio Império e a melodias aprendidas desde a infância os *griots* modernos ainda têm um papel mediador da ordem social, na solução de conflitos entre famílias, vizinhos ou aldeias.

Como se disse no texto inicial, a grande *griotte* Siramori Diabaté era sua tia e o avô era chamado de *Jeli Fama*,

um título dado aos melhores de entre os melhores, graças à sua voz excecional. Quando Kassé Mady fez 7 anos, os mais velhos da família, incluindo Siramori, concluíram que o miúdo herdara o génio vocal do seu avô. Protegeram-no, encorajaram-no, até que fosse capaz de sair da sua aldeia, de deixar o campo, e fazer a sua carreira como músico. Kassé Mady desempenhou e desempenha um papel chave nos momentos mais inovadores da música do Mali nos últimos 50 anos, primeiro no seu país, mais tarde com marcantes colaborações internacionais.

Em 1970 tornou-se o cantor principal de Orchestre Régional Super Mandé de Kabanga. O grupo ganhou o concurso nacional da Bienal de Música de Bamaco. O Festival foi uma iniciativa do Governo de então integrada numa orientação política comum a vários países da África Ocidental, que se tornaram independentes na década de 1960, de valorização da autenticidade cultural dos seus povos, de encorajamento aos músicos para retomarem a herança de séculos. Nessa Bienal a banda Las Maravillas de Mali – formada por músicos malianos que tinham estudado em Cuba e voltado à terra natal para tocar a sua interpretação dos clássicos cubanos – reparou em Kassé Mady. O Governo pressionava a banda para incluir no seu repertório mais músicas do Mali. Cooptar Kassé Mady era uma ótima solução para responder ao que o Governo pedia. Com o seu jovem vocalista, os Maravillas, que depois se passaram a chamar Badema Nacional, tiveram um enorme sucesso na África

Ocidental, com canções ao estilo cubano mas com influência mandinga.

Em 1988 Kassé Mady deixou o Mali e os Badema Nacional e mudou-se para Paris onde gravou o seu primeiro disco a solo com o célebre, já falecido, produtor senegalês Ibrahima Sylla, proprietário da editora de referência da música da África Ocidental, Sillart Records. Ficou mais 10 anos em Paris, gravando *Fode e Kéla Tradition*. Voltou para o Mali no final da década de 1990, seguindo-se várias colaborações que se tornaram marcos: *Songhai 2*, o álbum com Toumani Diabaté e o grupo flamenco Ketama; *Koulandjan*, uma fusão de *blues* e música mandinga, com Taj Mahal e, outra vez, Toumani Diabaté. Barack Obama contribuiu para aumentar a fama deste último álbum quando declarou ser um dos seus discos favoritos. Outras colaborações com Toumani, com os projetos Symmetric Orchestra e Afroclubismo, deram origem a álbuns gravados pela World Circuit.

Na década passada os projetos a solo incluíram os registos *Kassi Kassé* (2002), e *Manden Djeli* (2009). (traduzido e adaptado de [www.sixdegreesrecords.com](http://www.sixdegreesrecords.com) com pequenos acrescentos)

### Ballaké Sissoko corá

---

Nascido em 1968, Ballaké Sissoko, pertence, como todos os músicos da formação desta banda, a uma família de *griots*. O seu pai era um notável tocador de corá e, como é regra, foi ele quem começou a ensinar o filho.

Dos 13 aos 23 anos fez parte do Ensemble Instrumental National du

Mali e a seguir a isso acompanhou várias proeminentes cantoras do seu país e começou a colaborar com músicos europeus e americanos. Essas colaborações incluíram o pianista italiano Ludovico Einaudi, o marroquino tocador de oud Driss el Maloumi (que já esteve na Culturgest num concerto memorável) ou do músico de Madagáscar Rajery.

Em 1999 gravou em duo com Toumani Diabaté o álbum, que lhe deu fama, *New Ancient Strings*.

Conheceu o violoncelista francês Vicent Ségal a tocar num Festival em Amiens, França, e contactou-o. Ségal sabia do trabalho de Sissoko. Começaram a falar e o maliano convidou o francês para tocarem juntos. Assim nasceu uma amizade e um trabalho comum que se concretizou em dois álbuns muito louvados pela crítica, *Chamber Music* (2009) e *Musique de Nuit* (2015) e centenas de concertos por todo o mundo, com grande sucesso.

Dessa amizade e desse trabalho conjunto surgiu o álbum *Kiriké*, que está na origem do concerto desta noite. Os três discos citados foram editados pela Nø Format!. Ballaké Sissoko gravou cinco CDs a solo e quatro em colaboração.

### Lansiné Kouyaté balafon

---

Filho mais novo da famosa *griotte* Siramori Diabaté, pertencente à família de *griots* de Kéla, uma aldeia do Mali conhecida pelas suas narrações dos feitos do Imperador Sundiata, o fundador do Império Mandinga.

Lansiné começou a tocar balafon com o seu pai, Nankoman Kouyaté. Em

pequeno participava em cerimónias locais na sua região natal, dentro do distrito Kangaba, a cerca de 100 km de Bamaco. Com 12 anos foi escolhido pela Bienal de Música de Bamaco para se juntar ao Ensemble Instrumental National du Mali, onde encontrou Ballaké Sissoko, Baba SiSSoko, Toumani Diabaté, e muitos outros.

Em 1984 fez a sua primeira viagem para fora do Mali – uma digressão por França. Em 1989 fixou-se nesse país com o grupo do seu tio Kassé Mady Diabaté. Na década de 1990, durante 6 anos, fez parte da banda de Salif Keita, percorrendo o mundo inteiro. Desde então tocou com uma grande variedade de artistas: Mory Kanté, Baaba Maal, Moriba Koita, Manu Dibango, Positive Black Soul, Sekouba Bambino, Hank Jones, Jean-Jacques Avenel, Cheik Tidiane Seck, etc. Ancorado na sua herança musical tradicional, descobriu o jazz e as músicas contemporâneas e também o teatro e projetos mais experimentais. Fez parte da banda de Dee Dee Bridgewater numa digressão mundial.

A par com uma vasta carreira musical como balafonista com artistas de fama internacional, Lansiné tem o seu próprio projeto. Desde 2005 que formou a sua banda com o amigo David Neerman, vibrafonista, com quem gravou, em 2008, o seu primeiro álbum, *Kangaba*. ([www.lansinekouyate.com](http://www.lansinekouyate.com))

### Makan “Badjé” Tounkara n’goni

Makan Badjé (Badjé é alcunha) nasceu em 1965 perto de Bamaco, também ele de uma família de *griots*. Seu pai,

Mody Tounkara, famoso tocador de n’goni, diretor-adjunto do Ensemble Instrumental National du Mali, meteu-lhe nas mãos essa pequena guitarra tradicional mal o rapaz conseguiu dedilhar as cordas e ensinou-o com persistência e disciplina, com prejuízo da escola, porque entendia que para um *griot* era mais importante saber de cor todo o repertório do instrumento do que aprender a ler. Aos 15 anos de idade já acompanhava Amy Koïta, uma cantora maliana, a diva da música mandinga. Aos 20, decidiu acrescentar três cordas ao seu instrumento, uma para o som grave, duas para os agudos (os n’goni não têm todos o mesmo tamanho, nem o mesmo número de cordas; não conseguimos apurar quantas cordas tinha o que Makan Badjé tocava), e chamou-lhe N’goni Djuru Woolfila.

Rodeado e aconselhado também pela sua tia, Mah Damba, afamada *griotte*, ou pelo seu avô Dleibaba Sissoko, não menos afamado *griot*, muito cedo começou a tocar com os maiores nomes da música mandinga e hoje em dia podemos ouvi-lo a lado de Salif Keita, Sekouba Mabino, Toumani Diabaté ou Baba Maal.

Apresenta-se ainda com a sua mulher, Djélini Kouyaté, também ela uma *griotte* reputada, com uma voz suave mas imponente, e em projetos de fusão com músicos europeus ou malianos.

Gravou dois álbuns em nome próprio: *N’goni solo* (2002) e *Sodjan* (2011). (a partir de <http://mixetmetis.com> e [www.rfimusic.com](http://www.rfimusic.com))

### Próximo evento

## IndieLisboa

Festival Internacional de Cinema Independente

**Cinema De qua 20 abril a dom 1 maio**  
10h30 – 23h45 · M16 (exceto IndieJunior)



No IndieLisboa descobre-se o melhor cinema independente. O festival acontece de 20 de abril a 1 de maio na Culturgest, que volta a ser coprodutora do festival, no Cinema São Jorge, na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e no Cinema Ideal. Programação disponível em [www.indielisboa.com](http://www.indielisboa.com)

### Próximo espetáculo de música

## Circadia

Ciclo “Isto é Jazz?”  
Comissário: Pedro Costa

**Jazz Sex 6 de maio**  
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



Conseguem imaginar os sons de uma colmeia construída pelas abelhas dentro de um recipiente de lata? Pois é um pouco isso que parece a música do quarteto Circadia.

**Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)**

### Conselho de Administração

#### Presidente

Álvaro do Nascimento

#### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

#### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

#### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

João Belo

#### Estagiárias:

Nádia Gomes

Nádia Luís

#### Direção de Produção

Margarida Mota

#### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

#### Exposições

#### Coordenação de Produção

Mário Valente

#### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

#### Estagiária:

Carlota Carmo

#### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

#### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

#### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

#### Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

#### Direção de Cena e Luzes

José Rui Silva

#### Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

#### Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

#### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vitor Pinto

### Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

#### Técnico Auxiliar

Vasco Branco

#### Frente de Casa

Rute Sousa

#### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

#### Receção

Sofia Fernandes

#### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

#### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

#### Estagiária:

Aleksandra Kotova

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt